

# Ilusão biográfica

Estamos acostumados a pensar em nossa carreira como uma sucessão de eventos sobre os quais temos grande controle. Na verdade, nossa carreira é bem menos planejadas do que gostaríamos, assim como nossa própria biografia

POR PEDRO F. BENDASSOLLI



# ilusão biográfica

**Biografias e autobiografias** são um gênero literário relativamente comum. É provável que o leitor alguma vez já tenha tomado contato com alguma delas. Nas biografias, um jornalista, cronista ou alguém próximo descreve a vida de algum notável. Nas autobiografias, a vida em questão é narrada diretamente por quem a viveu. O aspecto comum a ambas, biografia e autobiografia, é procurar um sentido, encontrar motivos e, principalmente, estabelecer uma lógica, linear, para a vida da pessoa.

Isso quer dizer que, ao lermos uma biografia, teremos a sensação de que o biografado viveu uma vida com propósitos explícitos, escolhendo situações ou as superando e construindo sua trajetória conscientemente. Sua vida parecerá um caminho com encruzilhadas, desafios e dificuldades; mas, acima de tudo, será uma vida com uma história.

Difícilmente uma história de vida (uma carreira, no jargão gerencialista) será narrada como se o personagem principal nunca soubesse quem era, onde estava e aonde pretendia chegar. Mesmo que, de fato, não soubesse, no momento da narração a vida ganha uma lógica que não tinha ao ser vivida.

**(AUTO)BIOGRAFIA COTIDIANA.** Em certo sentido, todos nós tratamos nossas vidas como se fossem narrativas orientadas por algum propósito interior. Colocamo-nos todos como firmes observadores de nós próprios, localizando-nos em algum ponto imaginário, às vezes atemporal, de onde então registramos os momentos marcantes que nos tornaram quem somos.

Cada pessoa tende a conceber sua vida como uma história com começo (o início de minha vida profissional, por exemplo), etapas sucessivas (estagiário, *trainee*, analista, gerente... presidente!) e um fim – em sentido duplo, como fim de uma trajetória (aposentadoria), mas também como alcance de um objetivo (a realização de um sonho ou missão de vida).

Podemos dizer que essa forma de narrar a vida está profundamente impregnada em nossos hábitos e na cultura do senso comum. Prova disso talvez seja a popularidade das novelas. Nelas, os personagens são apresentados em diversos momentos de suas vidas – que, ao final, convergem para algum grande propósito realizado (e benefício alcançado). A estrutura arquetípica das novelas e de alguns filmes ilustra muito bem essa tendência a enquadrar as experiências

**NO FUNDO, CONTAMOS HISTÓRIAS PARA NÓS MESMOS PORQUE NÃO CONSEGUIMOS ADMITIR QUE NÃO SEJAMOS AUTORES, PERSONAGENS PRINCIPAIS, NO TEATRO SOCIAL EM QUE NOS MOVIMENTAMOS**

peçoais em um começo, meio e fim. Quando o mocinho não é recompensado, ou quando o bandido não é punido no final, a frustração é generalizada e o lobo cai.

O mesmo se observa no terreno das carreiras profissionais. Soa, no mínimo, estranho um candidato dizer a seu futuro empregador que escolheu a empresa aleatoriamente, ou simplesmente porque lhe ocorreu assim, sem mais nem menos. Ao contrário, o candidato deve demonstrar um propósito, tendo de comprovar uma lógica subjacente segundo a qual havia ali um projeto de vida em que a empresa, premeditadamente, se encaixava. Quando o candidato tornar-se funcionário, os fatos subsequentes que lhe ocorrerem (promoções, viagens, cursos etc.) continuarão sendo ordenados cronologicamente e de acordo com relações inteligíveis entre si (veja: fui promovido porque soube fazer as coisas certas). Também seria, no mínimo, estranho um consultor de carreira dizer a seu cliente que a carreira deste é completamente fortuita.

**DESMONTANDO O MITO.** Essa prática corriqueira e arraigada de conceber a vida como uma narrativa dotada de sentido não escapou da crítica consistente de filósofos, sociólogos e psicanalistas. Dentre eles, Pierre Bourdieu, influente sociólogo francês, entende que conceber a vida como uma seqüência significativa e coordenada de eventos é ceder ao que ele chama de ilusão retórica.

Para Bourdieu, tornamo-nos ideólogos de nossa própria vida. Na prática, é como se precisássemos nos convencer de que somos especiais a ponto de sermos incomparáveis, de que nossas

escolhas foram as acertadas e de que tudo que fizemos obedeceu a uma razão teleológica. No fundo, contamos histórias para nós mesmos porque não conseguimos admitir que não sejamos autores, personagens principais, no teatro social em que nos movimentamos.

Os argumentos de Bourdieu são convincentes. Primeiro, selecionamos os acontecimentos que mais nos interessam no momento da narração. Ou seja, olhamos para trás e escolhemos, do amplo conjunto de experiências que tivemos, aquelas cuja ocorrência reconstruímos em função de nossos desejos presentes. Há aqui uma aproximação com Freud, quando este dizia que muitos dos acontecimentos que narramos no presente sofrem a influência das fantasias, uma espécie de filtro a serviço do inconsciente.

Ora, isso faz muito sentido. Afinal, será mesmo que, ao descrever uma experiência passada, realmente sentimos o que estávamos sentindo quando ela originalmente ocorreu? Uma pessoa pode dizer, para um novo colega, que deixou seu emprego anterior porque foi o pior que já teve. Mas, isso pode apenas estar encobrindo o fato de que o chefe estava dando muitos *feedbacks* negativos para ela; a crítica do chefe acabou influenciando sua percepção no sentido de depreciar o trabalho, que, no fundo, não era tão ruim assim.

O segundo argumento de Bourdieu é o de que, ao apresentarmos nossa vida como uma narrativa autobiográfica, estamos reproduzindo uma representação comum da existência amparada em uma longa tradição. Quer dizer, o mundo social tende a chamar de normal pessoas que tenham uma identidade constante, previsível e responsável.

# ilusão biográfica

SOA, NO MÍNIMO, ESTRANHO UM CANDIDATO DIZER A SEU FUTURO EMPREGADOR QUE ESCOLHEU A EMPRESA ALEATORIAMENTE, OU SIMPLEMENTE PORQUE LHE OCORREU ASSIM, SEM MAIS NEM MENOS

O exemplo usado por Bourdieu é o nome próprio. O que é um nome próprio (João, Maria, José) senão a institucionalização de uma mesmice distribuída no tempo? Explico: por meio dessa estratégia de nomenclatura o indivíduo ganha uma identidade social constante e duradoura. O nome é o atestado mais visível da identidade de seu portador e será usado como objeto dos diversos comprovantes sociais: carteira de identidade, CPF, certidões e, no campo empresarial, o currículo, expressão máxima da existência individualizada de uma trajetória profissional.

Na prática, o nome próprio é uma ficção necessária. Aqui, como no caso anterior, Bourdieu se aproxima de outros grandes pensadores. Nietzsche, por exemplo, dizia ser o sujeito uma ficção de linguagem; já Foucault, renomado filósofo francês, denunciava o que chamava de o mito do autor. O nome é, em si, o selo ao mesmo tempo material e imaterial da história pessoal. A razão da escolha do nome pelos pais é o primeiro mito de uma pessoa – nesse caso, a história que os pais tinham para ela.

Mais importante, conclui Bourdieu, o nome próprio funciona como um modelo oficial de apresentação de si. O ter um nome a zelar, uma crença muito comum da maioria das pessoas, significa: tenho uma história que preciso continuar a alimentar. O problema é quando a imagem pública de si volta-se contra a pessoa, que então se vê representando uma historinha que acha ser esperada dela... mas às vezes esta expectativa está só na cabeça dela.

**A ILUSÃO DA CARREIRA.** A carreira é apenas uma das vias pelas quais podemos nos apresentar socialmente e construir nossa identidade –



apesar de talvez ser hoje a dominante (na classe média). Ao entrar nessa via, a singularidade não é, necessariamente, o ponto forte: ao menos sob certos aspectos, muitos buscam, desejam e fazem as mesmas coisas, pois estão sujeitos às mesmas regras – por exemplo, de como subir na carreira – e essas regras são enquadradas socialmente.

Ninguém se torna presidente (ou qualquer outro totem equivalente) só por vontade própria, porque soube agir da forma certa ou simplesmente porque sempre quis isso desde o início dos tempos. Forças muito mais irracionais podem agir num caso como esse, variando de influências políticas a capital social, idealizações e identificações paternas, origem étnica e sucessão familiar.

Além do mais, o cargo de presidente existe muito antes de o presidente tornar-se presidente – a posição é uma construção coletiva na qual se associam *status*, poder e prestígio. Desejamos coisas que muitas outras pessoas desejam. Por esse motivo, podemos ter uma biografia profissional muito mais previsível e comum do que gostaríamos de admitir.

**MUNDO DE APARÊNCIAS.** No fim, todas as biografias dos bem-sucedidos (e a dos fracassados) são muito parecidas entre si e isso não é uma mera correspondência à verdade do mercado de trabalho. Trata-se de como essas biografias são narradas, vendidas e transformadas em ideologia para alimentar um determinado espírito de época e conseguir o que o psicólogo francês *Jean-Léon Beauvois* chama de submissão livremente consentida.

Talvez os proponentes da chamada administração de impressão tenham algo a nos dizer aqui, pelas razões que nem eles imaginam e a despeito de serem rotulados de aproveitadores e antiéticos: numa entrevista de emprego é possível manipular a percepção do entrevistador e, conseqüentemente, influenciar suas decisões. Ora, para determinadas ocasiões sociais, há a exigência de um papel específico e, dessa forma, é eficiente selecionar a face social a ser apresentada – construir a versão de si cabível e crível.

Esta última idéia pode conter mais do que um truque pueril de manipulação social. Como metáfora, ela nos lembra que o mundo social é constituído de aparências – ou, filosoficamente falando, de versões e interpretações com poderes distintos de credulidade, verdade, institucionalização ou imposição. E também de histórias (biográficas ou autobiográficas) que são reconstruídas *a posteriori*, de acordo com interesses e interações específicos.

Penso que aqui se podem abrir duas perspectivas. De um lado, a de que, na vida, tudo é ilusão – aproximando-se muito de um humor depressivo ou até cínico (não vale a pena agir; todos estão presos num palco de fantoches...).

De outro lado, a de que o mundo social é um teatro, e de que é preciso, mesmo no caso da carreira, usar várias representações do eu, para retomar expressão do sociólogo Erving Goffman. Entre esses extremos, há a ficção da singularidade e do controle pleno da carreira e da vida. ✕

PEDRO F. BENDASSOLLI, professor da FGV-EAESP. E-mail: [pedro.bendassolli@fgv.br](mailto:pedro.bendassolli@fgv.br)